

Eu considero-o um dos responsáveis da vinda da Troika"



fotos José Luis Jorge

Preocupados com o desemprego e com o futuro do País, **Francisco Louçã** e **Miguel Sousa Tavares** discutem a actualidade. Mas o comentador não poupa o político

Têm pelo menos uma coisa em comum: são ambos do contra. Mais do que isso, Francisco Louçã e Miguel Sousa Tavares estão entre as vozes mais críticas do estado a que o País

chegou. Juntos pela primeira vez nas Conversas Improváveis, têm algumas preocupações em comum, nomeadamente o desemprego e o nosso futuro colectivo.

conversas
improváveis

■ Troika

"Porque é que você derrubou um Governo do Partido Socialista, sabendo que a seguir vinha um Governo de direita? Votou contra o PEC IV sabendo que o engenheiro Sócrates se demitiria a seguir".

"Os três primeiros PEC foram negociados pelo Governo Sócrates com a direita e entenderam-se, todos eles agravaram a situação. E chegou ao quarto, que não conseguiu aprovação da direita, que era o pior de todos (...). Eu não vou aprovar aquilo que sei que destrói a economia do meu País, na expectativa que sejam estes ou outros a fazer as mesmas medidas. O Governo não se entendeu com a direita e foi por isso que caiu. Eu lembro que o Governo Sócrates, todos os hospitais que construiu entregou aos grupos Mello ou ao grupo Espírito Santo. Não me peçam para participar nisso, porque sei o que isso vai fazer à saúde dos mais pobres em Portugal".

"Eu considero que você é um dos responsáveis pela chegada da Troika a Portugal. (...) e o Bloco de Esquerda fez muito mal em não ter ido falar com a Troika".

"Mas isso é irresponsável e gratuito. (...) Alguém nos diz, tem que ser, temos que fazer o que eles [a Troika] mandam. De tanto abdicaram essas pessoas. Eu olho para o que se está a passar agora em Portugal e são 20% de desemprego. É uma recessão como nós nunca vimos. E há homens, que são os homens da Troika, com o apoio dos partidos que apoiaram a Troika que nos dizem: há sempre uma solução que é baixar os salários. Eu acho que há um limite de dignidade, que é o que os gregos atingiram e em nome do qual se levantaram. E é por isso que são os únicos que fazem frente à senhora Merkel".

"Nós e os gregos estamos a servir de laboratório para uma experiência pioneira que é saber se se pode recuperar as finanças públicas de um país, destruindo a sua economia. E a resposta até agora tem sido não. (...) Eu já sabia que ia ser assim e não acredito que o Francisco Louçã, professor de Finanças, não soubesse também".

■ Desemprego

"A questão do desemprego tornou-se numa catástrofe nacional. A palavra flexibilidade tornou-se numa palavra mágica que é evocada para tudo

aquilo que pode degradar a vida das pessoas. A Comissão Europeia diz, sobre Portugal, que o nível salarial deve ser reduzido, que os subsídios de desemprego são pagos por tempo demais (...) quando há mais de 800 mil pessoas que não recebem nada, nem o subsídio social de desemprego. Uma enorme maioria dos desempregados em Portugal não têm nada. E o Governo acha, como acha a Troika, que esta é uma boa reforma, estrutural, porque flexibiliza a vida haver muita gente a correr para o mesmo emprego. (...) Conheço muitos jovens cuja vida é irem para as empresas de trabalho temporário, que são escravatura moderna".

"Eu estive oito dias desempregado e tive vergonha de sair à rua à hora que as pessoas era suposto estar a trabalhar, foi uma coisa traumática. Felizmente nunca tive o drama de não ter dinheiro para dar de comer aos filhos. A inconsciência deste Governo perante o desemprego é uma coisa escandalosa. Alguém que é politicamente responsável por 200 mil novos desempregados num ano não pode dizer aquilo [que o desemprego é uma oportunidade]. Choca que este ano 53 mil jovens tenham emigrado".

■ Serviços Secretos e caso Miguel Relvas

"Estamos a viver uma situação de descalabro democrático, que tem que ver com a forma como os serviços secretos ou uma parte deles se relacionou com um interesse empresarial. Uma grande empresa criou uma espécie de milícia pela qual obtém informações dos serviços secretos para os seus interesses empresariais dentro de uma guerra pelo controlo da comunicação social em Portugal".

"Parece que há sempre alguém que consegue recuperar o espírito da PIDE. E nos últimos tempos eu tenho sentido um cheiro bafiento a PIDE no ar, que eu já não conhecia há muitos anos. (...) Tive esperanças que o Primeiro Ministro tivesse tido um assomo da gravidade daquilo que estava em causa mas não teve. Faltou dizer: estes Serviços Secretos não servem a Portugal e eu vou acabar com eles".

Séfora C. Silva

A família não se escolhe

A piada assenta como uma luva a Francisco Louçã, uma vez que o coordenador nacional do Bloco de Esquerda é primo direito de Vítor Gaspar, ministro das Finanças e cunhado de Correia de Campos, ex-ministro da Saúde de Guterres e de Sócrates.

No entanto, o economista revela que uma das figuras marcantes da família foi o avô materno, anarco-sindicalista, fundador do Partido Comunista, várias vezes preso e desterrado.

Também Miguel Sousa Tavares tem predicados familiares na luta anti-fascista, nomeadamente o pai, Francisco Sousa Tavares. Uma figura recordada por Francisco Louçã que se orgulha de ter sido preso com ele e com outros, em 1972, numa reunião na Capela do Rato, em Lisboa.

Embora tenha esse legado, Miguel Sousa Tavares nunca assumiu preferências políticas e, do ponto de vista pessoal está casado com a deputada do CDS/PP Teresa Caeiro, que milita no quadrante oposto. "Somos uma família democrática, concordamos em discordar sobre política", brincou o advogado e jornalista.



Desta vez a receita de bilheteira das Conversas Improváveis, 1.335 euros, reverte para o Centro Paroquial de Ferreira-a-Nova, da Figueira da Foz, entregues à tesoureira da instituição, Ana Maques. Uma ajuda que surge através da organização das Conversas Improváveis e dos seus parceiros: Revista INVEST, SIC Esperança e Casino Figueira.